

Teresa Pinheiro

PSICANÁLISE

Catástrofe narcísica



Blucher

Catástrofe narcísica

Teresa Pinheiro

Catástrofe narcísica

© 2025 Teresa Pinheiro

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes e Andressa Lira

Preparação de texto Rodrigo Botelho

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Pinheiro, Teresa

Catástrofe narcísica / Teresa Pinheiro. – São Paulo :
Blucher, 2025.

250 p. – (Série Psicanálise Contemporânea / coord.
Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2509-6 (impresso)

ISBN 978-85-212-2508-9 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2703-8 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise.
2. Narcisismo (Psicologia).
3. Melancolia (Psicologia).
4. Trauma psíquico.
5. Introejeção (Psicologia).
6. Sublimação (Psicologia).
7. Idealização (Psicologia).
8. Mecanismos de defesa (Psicologia).
9. Psiquismo.
10. Metapsicologia.
11. Psicanálise e sexualidade.
12. Psicanálise clínica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	7
<i>Renata Udler Cromberg</i>	
Apresentação	23
1. Trauma e melancolia	25
2. Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia	41
3. A certeza de si e o ato de perdoar	55
4. Sublimação e idealização e a pós-modernidade	71
5. Narcisismo, sexualidade e morte	83
6. Texto imagético: parnasianismo e experiência analítica	97
7. Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade	115
8. A escravidão do olhar	127

9. As novas subjetividades, a melancolia e as doenças autoimunes	137
10. A perda da certeza de si	169
11. A introjeção: uma teoria de linguagem e as narrativas contemporâneas	181
12. Histeria e falso self: aproximações e diferenças	199
13. <i>Katasztrófák</i>	213
14. Mundo interno, humilhação e ternura (à guisa de epílogo)	229

Prefácio

Renata Udler Cromberg

Catástrofe narcísica, de autoria de Teresa Pinheiro, é uma coletânea de catorze artigos publicados desde a década de 90 do século passado até os dias de hoje. Seu conjunto forma uma preciosidade que testemunha o percurso fértil e original da sua autora e o contexto em que ele se deu. Teresa Pinheiro é uma psicanalista que tem vocação de fundadora. Seu doutorado em psicanálise na França, *A teoria do trauma: da introjeção à cura*, orientado por Pierre Fédida, finalizado em 1987, se tornou no Brasil o primeiro trabalho sobre Sándor Ferenczi. Nele, sua proposta é a de estabelecer uma metapsicologia para a teoria do trauma na obra de Ferenczi. Mas como ela tem também uma vocação de aglutinadora, logo esteve com outros pioneiros em uma importante publicação. Fundou a pós-graduação em teoria psicanalítica com Joel Birman, Luiz Alfredo Garcia Rosa e outros na Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição que segue transmitindo um importante legado. Outra invenção instituinte de Teresa Pinheiro são os projetos de pesquisa do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (Nepecc), estabelecido por um acordo entre o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro e

o Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da mesma universidade, no qual dividiu a coordenação com Julio Verztman e Regina Herzog por mais de vinte anos. Esse núcleo se constituiu para abrigar pesquisas sobre os impasses e desafios da clínica contemporânea e produziu e publicou importantes trabalhos com a contribuição de inúmeros mestres e doutores, boa parte deles orientados pela autora. Alguns capítulos do presente livro foram escritos com parceiros dessa instituição: Julio Verztman, Diane Viana, Karla Patrícia Holanda Martins e Alexandre Jordão. Juntamente com Helena Besserman Viana, ela escreveu o primeiro livro sobre a primeira psicanalista pioneira, Margarete Hielferding, que inspirou a pesquisa de outras pioneiras psicanalistas no Brasil.

Avessa ao pensamento psicanalítico que se encastela em igrejas, Teresa cultiva a curiosidade pela mente humana, pela diferença e sobretudo pela peculiaridade de cada ser humano que recebe em seu campo de trabalho usando seu tato para entender seu modo de funcionar. Ela pensa a psicanálise contextualizando-a nos diferentes tempos históricos de sua existência e sobretudo a partir da cultura. É de sua clínica particular e dos seus atendimentos no espaço público, sobretudo nos pacientes atendidos pelos projetos de pesquisa desenvolvidos no Nepecc, que ela foi desenvolvendo seus estudos sobre as patologias narcísicas no mundo contemporâneo. A partir destes, a autora foi em busca de uma metapsicologia da melancolia, quadro clínico que ela julga poder dar a melhor compreensão para as novas subjetividades emergentes no mundo neoliberal desde o final do século XX. Na sua leitura, a teoria parte sempre da clínica. Freud e Ferenczi são os autores cujo pensamento teórico-clínico ela aprofunda para compor tecituras que mesclam numa nova trama a teoria do narcisismo e da melancolia de Freud com a original teoria do trauma de Ferenczi. Avançar no estudo da metapsicologia da melancolia pode fornecer subsídios para fundamentar a direção do tratamento clínico.

Quais são as patologias das quais parte a autora? Para ela, a psicanálise só fará progressos se os psicanalistas não recuarem diante do trabalho com os pacientes psicóticos, os casos-limite, as patologias narcísicas, os grandes somatizadores, o falso self, a personalidade narcísica e as melancolias graves. Neles, a questão corporal ganha relevo e dimensão, no paradoxo em que há uma total estranheza em relação ao próprio corpo, como se o corpo não lhes pertencesse, ao mesmo tempo que ele permanece como única prova que têm da própria existência. Há, pois, uma precariedade da representação corporal e a necessidade de restauração ou recuperação da representação corporal em falência. Em relação à percepção do tempo, há total ausência da dimensão de futuro ao mesmo tempo que “a morte faz parte do cardápio deles, tanto quanto o feijão com arroz” (p. 28). A hipótese da autora é que essas patologias ganham consistência na proposta metapsicológica da melancolia, considerada uma estrutura à parte, e que essa última se torna mais explícita na teoria do trauma. Diferentemente do início do século XX, quando a patologia histérica era predominante e a que melhor sintetizava a cultura da época, na atualidade, os sintomas estão mais perto das patologias melancólicas, que são o retrato da cultura pós-moderna. Já a psiquiatria dita biológica constrói síndromes variadas com a promessa de que serão facilmente curadas ou controladas pela prescrição de alguns comprimidos de um mesmo medicamento: antidepressivos.

Apresento o que me pareceu serem os principais eixos do livro:

A sexualidade e a construção do psíquico e a violência sexual de um adulto sobre a criança

O mérito genial de Freud foi afirmar que o inconsciente existe a partir da sexualidade e que esta não é um instinto, mas uma construção psíquica. Aliás, inconsciente e sexualidade inaugurando, no

início do século XX, a constituição de um aparelho psíquico. Nessa teorização, o lugar do trauma sexual causado por um adulto em uma criança some e o fantasiar sexual da criança com suas pulsões autoeróticas parciais ganha a cena psíquica.

Já a originalidade da teoria ferenciana do trauma foi recuperar a realidade da violência sexual de um adulto sobre a criança, em que o descrédito aparece como marca de que o trauma se faz entre três. Numa cena em que a criança busca o adulto com uma linguagem de ternura, este entende a busca como uma sedução da ordem do genital, gerando uma confusão de línguas. A criança não entende a cena e diante do enigma da culpabilidade do agressor identifica-se com ele. A criança vai então à procura de outro adulto que possa dar sentido ao que não fez sentido; esse adulto, por sua vez, não suportando o relato da criança, a desacredita, exigindo de maneira radical e unívoca que o escutado não passe de uma fabulação infantil. O descrédito inviabiliza a inscrição psíquica de todo o evento traumático, “restando somente uma lembrança sensorial marcada no corpo, como a memória de um computador sem o *software* que a formatou” (p. 31). Marcação inacessível, porém, existente. Pinheiro nos diz que a responsabilidade do trauma é do descrédito. E assim vemos que o trauma se constitui a três. O descrédito é aquilo que impede o percurso do processo de introjeção, conceito postulado por Ferenczi em 1909 e que, segundo ele, é o processo psíquico que é o próprio modo de funcionamento da libido: pôr para dentro de si o mundo a partir do objeto e das marcas de sentido que ela pode apreender por meio desse investimento libidinal. Já a identificação melancólica ou com o agressor seria o produto de um mecanismo de defesa quando a introjeção não pode ser realizada. A autora dedica um capítulo organizador ao estudo da introjeção.

Metapsicologia da melancolia e metapsicologia do trauma

O bordado conceitual da autora faz um passeio que diferencia a identificação histórica, a identificação melancólica e a identificação com o agressor.

Teresa utiliza o conceito de identificação como a própria explicitação do modo de funcionamento do aparato psíquico. Num primeiro momento ele esteve presente em Freud como identificação ao modo da histeria, como identificação com traços do objeto, permitindo uma concepção do eu como um precipitado dessas identificações. Com a postulação da identificação obedecendo à norma do narcisismo, o processo passa a ser tornar semelhantes as diferenças. Assim, as inscrições psíquicas se relacionariam com a circulação libidinal, que, regida pelo princípio do prazer e pelo narcisismo, teria como própria condição o processo de identificação. No caso da identificação melancólica, é como se a identificação trouxesse o objeto em bloco, como “um posseiro que ocupa o espaço egoico” (p. 32) que não pode se apropriar subjetivamente do objeto por uma identificação introjetiva feita por traços, apenas pode se identificar por incorporação do objeto. A sombra do objeto caiu sobre o eu, nos diz Freud. E, assim, o que foi perdido é a própria possibilidade da subjetividade por um eu constituído como um precipitado de identificações. Na melancolia, o eu é o palco onde se desenrola permanentemente o drama de uma única relação objeto.

A autora nos diz que se o neurótico recalca a castração para afastá-la, enquanto percepção dos limites, o melancólico parece considerado por ela: desprovido da capacidade de se iludir, não tem receio de enfrentá-la, agarrando-se “ao ridículo da vida, não para rir dela e de si próprio, e sim para acusá-la e acusar-se” (p. 33). A lucidez melancólica é a tentativa de inscrever a castração. Há

uma mortificação: só há o lugar para a perfeição que é inatingível ou para a imperfeição absoluta. A clivagem melancólica, portanto, separa de maneira radical, em dois, o campo egoico, um lado tomando o outro com a estranheza de um objeto. A identificação melancólica surge como análoga às primeiras identificações narcísicas: essas identificações não só serão responsáveis pela formação do caráter, mas serão sobretudo a matéria-prima do supereu. Essas identificações seriam, portanto, feitas no modelo da oralidade, análogas ao princípio canibal do totemismo.

Já na metapsicologia do trauma, o que foi colocado no limbo foi justamente o eu da ternura – foi ele que perdeu a vez e a voz. É a própria organização da couraça narcísica que se vê desmantelada com a identificação com o agressor. Para Pinheiro, o conceito ferenciano de identificação com o agressor em nada difere da descrição da identificação melancólica. Também aí há uma clivagem em que as partes não se comunicam por diferença de linguagem. A parte identificada com o agressor detém a linguagem da paixão, e a outra parte, ignorada, detém a linguagem da ternura. O falso self patológico de Winnicott é também uma figura nosológica quase idêntica ao traumatizado ferenciano, como que equivalente à identificação com o agressor e à sombra do objeto.

A invenção narcísica e a certeza de si

As pesquisas realizadas no Nepecc com pacientes com quadros clínicos diversos em suas queixas e sintomas trouxeram um traço comum: a falta da certeza de si.

Um dos grandes achados conceituais originais de Teresa Pinheiro é a maneira como ela descreve o narcisismo: como invenção. Se em *Totem e tabu* (1913) a onipotência narcísica já estava presente na figura do Pai primordial, em *Para introduzir o narcisismo* (1914) Freud inventa um fruto da projeção do narcisismo dos

pais sobre o filho, em que é criada no sujeito em emergência uma onipotência sem fendas ou falhas – uma ideia de completude perdida pelos pais e reeditada na criança. Esse eu narcísico, portanto, nasce de uma ficção, montada na fantasia de um objeto complementar que traria a plenitude perdida, análoga à fantasia que recobre o objeto da paixão. Assim, o narcisismo que é projetado no filho inventa nele o mesmo modelo de completude e onipotência. O inventor narcísico se torna o fiador e, durante muito tempo, será o possibilitador e também a causa do investimento do sujeito no universo da linguagem e da produção de sentidos. A certeza de si é a apropriação dessa onipotência. Na certeza de si, a invenção narcísica deixa de ser algo passivamente recebido do outro e se torna uma produção do sujeito. É o medo de perder o fiador que leva à crença na própria onipotência pela criança, para tornar-se o fiador de um si mesmo, de que cada um pode lançar mão sempre que necessário. A certeza de si é, portanto, mais uma ilusão egoíca que funciona como pedra fundamental, da qual a construção de nós mesmos tem necessidade de se mover para viver. Sem ela, a possibilidade de interlocução interna pode desaparecer. Sem ela, o eu fica refém do que o outro afirma, ganhando uma exterioridade radical. O que o eu é passa a ser o que o outro afirma que é. Por isso o descrédito é o fator traumatizante por excelência, “cuja sequele mais evidente seria a perda da certeza de si. O descrédito tiraria a confiança no que se percebe e no que se viveu” (p. 171).

Uma outra originalidade do pensamento de Pinheiro, que mencionei antes e que gostaria de retomar, é a maneira como ela trabalha o conceito de introjeção em Ferenczi, criado em 1909, como precursor e em conversa com o narcisismo. Para ela, os dois autores, Freud e Ferenczi, trabalhavam a quatro mãos para construir teoricamente uma boa resposta às questões levantadas por Jung, “que descartava a importância da sexualidade como ordenadora do aparato psíquico” (p. 43). A introjeção seria o primeiro movimento

psíquico megalômano da libido de apropriar-se de tudo, a tudo se unir. Seria a maneira do recém-nascido de responder, a partir da sua precariedade, à luta entre vida e morte. A libido narcísica busca “eliminar diferenças, tornar semelhante, derrubar barreiras, tapar vazios, transformar enigmas em obviedades” (p. 44). Busca então uma pasteurização das diferenças, fazendo do outro eu próprio. Desse modo, torna-se possível a onipotência tão decantada do narcisismo.

Espanta-se o desamparo, a falta, a precariedade humana. Afinal, é contra isso mesmo que o narcisismo se ergue, como a outra face da pulsão de morte, da agressividade, então dirigida para fora, para o outro, para o que não aceita ser familiar e igual, para o que insiste na dessemelhança e transforma o estranho em perigoso inimigo. (p. 44)

O aparelho psíquico de Ferenczi se instaura na ordem da sexualidade, mas antes de tudo como dispositivo para arcar com a castração. A introjeção é o funcionamento defensivo diante do desamparo. “O que se inscreve na castração é uma ameaça que jamais existiu de fato, é pura construção imaginária, mas que metaforiza o que de fato é ameaçador: a finitude, a impotência, o desamparo, a precariedade humana” (p. 45).

Cada investimento de objeto produziria um traço, uma identificação que traria a marca do objeto. A couraça narcísica, capaz de fazer frente à castração, seria constituída por essas identificações, ou melhor, pela história dos investimentos objetivos abandonados do sujeito. Unidade corporal, representação da unidade corporal, alteridade e possibilidade de se representar no futuro são os pilares em que o eu é capaz de se fundar. Já aparece aí um esboço das funções egoicas.

Se tomarmos a melancolia como estrutura psicótica, teremos sempre nessa estrutura uma ausência da noção de unidade. A identificação melancólica não interpreta o desejo do objeto. Este é apreendido não na dialética de interpretação do desejo do outro, mas na apropriação mimética. Não se trata de “A partir do outro, eu me faço”, mas de “Eu sou o outro”. O objeto deixa de ser incerto, duvidoso, ambíguo, para ser tomado na sua concretude objetiva.

O ideal do eu é a interpretação que o sujeito se fez do desejo dos pais em relação a ele, do herói ou da princesa que esses inventores do seu narcisismo esboçaram como imagem da felicidade ou da completude. Enquanto interpretação da fantasia dos pais, esse ideal, ao longo da vida, pode passar por modificações, acertos, desvios etc. Para o melancólico, porém, essa promessa de futuro completo e “feliz” parece fracassar. A capacidade de fantasiar, de se iludir, é justamente aquilo de que o melancólico parece não dispor. É um luxo neurótico, nos diz a autora. Se a possibilidade de fantasiar está descartada, como se representar no futuro, como se projetar mais adiante? No mundo narcísico, o eu ideal parece ocupar o lugar do ideal do eu. Essa inversão afeta diretamente a relação do sujeito com o tempo na sua dimensão de continuidade.

Na melancolia há uma falha no trânsito dos ideais. Resta a dura verdade da castração: a impotência humana, o desamparo, a finitude. Sobre o palco, somente dois personagens: o sujeito e o objeto da identificação (e toda a dor que isso comporta). Não há espaço para a metáfora, o deslizamento de significantes, a ambivalência, a dúvida, a ambiguidade polissêmica. Ali o sentido é único. A palavra não consola, não protege, não disfarça, nem enfeita a castração. Não há futuro pensável que não seja o próprio presente. A singularidade, a marca identificatória do melancólico, é a perda, a morte, a dor.

A função de herdeiro do complexo de Édipo, que insere o sujeito no universo simbólico, parece no mínimo bastante falha, pois justamente o discurso melancólico se apresenta com a pretensão de

um discurso unívoco, sem ambiguidade nem ambivalência. Há um discurso de valores morais bastante vigoroso na melancolia, que ataca tanto os neuróticos ingênuos quanto o próprio sujeito. Ele é uma construção de ideal de completude que se quer possível. É nesse sentido que funciona somente como perseguidor, pois exige, sem atenuantes para si e para os outros, ser o objeto completo e autossuficiente que ele atesta poder existir. Ao abandonar o objeto, não se trata de fazer uma identificação por traço, mas de tornar-se o próprio objeto. Sem dúvida, também há algo nesses casos que se diferencia das psicoses delirantes, em que a questão de um eu e um supereu nem se apresenta, mas é aí que a autora acredita estar toda a dificuldade teórica que experimentamos na compreensão da melancolia.

O perdão, a sublimação e o final de análise

De tudo o que foi estudado em torno do sofrimento psíquico, a autora se dispõe a pensar as transformações que culminam no final de análise. Ele seria o momento em que o paciente consegue compreender a sua invenção narcísica: um imaginário constituído a partir do investimento narcísico alheio, apropriando-se dele como certeza de si.

Reconhecer o desamparo, o seu e o do próximo; aceitar viver sem a completude; descobrir que é possível viver bem melhor do que até então, e que dá para perdoar, tanto a esse outro quanto a si mesmo. Reconhecer que isso é da ordem do humano e sair do crivo uniformizador narcísico, abrindo mão da onipotência. (pp. 65-66)

A autora toma o perdão de uma forma muito original, distante da religião e das práticas terapêuticas do pensamento positivo. Ele

é tomado como sistema de pensamento, ou melhor, como um sentido sofisticado que gera uma transformação no pensamento. Ele propõe uma solução para a ambivalência, regulando-a e limitando o recurso projetivo da hostilidade, trazendo um novo balanço entre hostilidade e ternura. O novo pensamento que surge é aquele em que no ato de renúncia narcísica tenha incluído a alteridade e aceitado os paradoxos da ambivalência. Para Pinheiro, é fundamental estabelecermos uma articulação entre a perda da certeza de si, apontada como decorrente do trauma, e o perdão do final de análise.

Uma outra visada da autora do final de análise é aquilo que seria da ordem da sublimação, colocada por Freud como única saída da humanidade, sem a qual a barbárie se instalaria. O homem é um ser prematuro e desamparado, e por essa razão torna-se um ser gregário. No entanto, tem um equipamento psíquico, pulsional, incompatível com a vida em sociedade. A pulsão de morte, o princípio do prazer e o egoísmo próprio do narcisismo seriam elementos fatais ao próprio sujeito, de modo que, sem dispositivos como o recalque e a sublimação, ele não seria capaz de sobreviver e muito menos de manter uma vida em sociedade.

Mas a autora reconsidera essas reflexões freudianas sobre o mal-estar na Cultura convocando-nos a pensar um deslocamento da constituição e da função do ideal do eu nas sociedades pós-modernas, sociedades de consumo atuais. Nelas, os objetos são oferecidos como ornamentos fundamentais para construir a imagem do ideal. Este deixa de ser um modelo de como o sujeito deseja ser no futuro e passa a ser o que ele precisa ter para ser uma imagem. A composição do ideal do eu deixa de ser uma imagem que contém uma subjetividade, que contém valores, e se torna mero ícone. Essa sociedade só oferece a possibilidade de idealizações sem necessidade sublimatória. Elas seguem o modelo da identificação melancólica, cujo resultado é o vazio, a depressão, “para os quais a

indústria farmacêutica rapidamente oferece outro objeto, que vem em socorro do sujeito prometendo alívio e felicidade” (p. 81). Por isso o esforço todo do livro em redescrever e positivar o que se tem chamado de melancolia e depressão numa polifonia contrária à ideia de uma verdade unívoca que seria o avesso da psicanálise.

Katasztrófák

Esse é o título do penúltimo capítulo, o único inédito, considerando que o último se faz à guisa de uma conclusão. Aqui, Teresa nos deixa um enigma dos mais auspiciosos: articular o conceito de catástrofe, tal como Ferenczi o concebeu para a história filogenética da humanidade com a ontogênese que supõe o título do livro, catástrofe narcísica. *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* foi publicado em 1924. Um primeiro esboço dele foi feito em 1915, quando Ferenczi estava no *front* como médico na Primeira Grande Guerra. É importante marcar este primeiro esboço porque o manuscrito inédito de Freud sobre a visão de conjunto das neuroses de transferência, encontrado na sua correspondência com Ferenczi, também mostra o interesse de Freud pela teoria lamarckiana quando formula a importância da era glacial para o processo de hominização com surgimento da sociedade humana em torno de um líder primordial. O livro de Ferenczi ganha, cinco anos mais tarde, na edição em húngaro, o título de *Katasztrófák*, que se poderia traduzir por “Catástrofes no desenvolvimento do funcionamento genital: um estudo psicanalítico”. O livro apresenta a teoria lamarckiana da diferenciação dos sexos após a primeira catástrofe da emergência dos continentes do mar primordial, a partir da androginia como adaptação à vida na Terra. As catástrofes da evolução da espécie obrigam os animais a se adaptarem, e se repetem na ontogênese e na vida psíquica dos seres humanos. Freud o considerou a obra-prima de Ferenczi, pela sua novidade. Ele é fruto

da abordagem aproximativa da teoria filogenética lamarckiana, paixão dos dois, com a psicanálise, estabelecendo um paralelo com o desenvolvimento sexual. Para explicar as origens da vida sexual e descrever a dinâmica do funcionamento psíquico do homem e da mulher, Ferenczi cria o que chamou de bioanálise. Esta é a explicação da vida sexual enfatizando a análise do coito. As catástrofes que determinam a evolução da espécie, sobretudo a catástrofe da emergência dos continentes, estariam relacionadas ao desenvolvimento psíquico do ser humano. Nesse momento primordial, os seres vivos andróginos travam uma luta encarniçada para realizar o acasalamento imposto pelas mudanças do ambiente, dando lugar à existência de dois sexos diferenciados. Segundo Ferenczi, havia necessidade de encontrar uma nova forma de garantir a procriação. Ele faz então a descrição das cinco catástrofes no plano filogenético do aparecimento da vida orgânica à hominização progressiva e aponta os correspondentes processos na ontogenia e periginia. Esse quadro da história do ser vivo sobre a Terra, associado ao desenvolvimento psíquico do homem atual, retoma, de um lado, a ideia do ser andrógino que, em 1920, Freud discute em *Além do princípio do prazer* e, de outro, a relação entre a ontogênese e a filogênese que permite a Ferenczi explicar o caráter da repetição no nível da psique e, portanto, a importância da regressão no interior dela. Essas catástrofes transmitidas biologicamente teriam marcado de forma indelével o psiquismo humano.

Segundo Ferenczi, o coito, expressão da sexualidade genital, reúne um universo complexo de símbolos e traumas, assim como as características das pulsões parciais. O coito tem a capacidade de sintetizar ou reunir todas as pulsões sexuais, de condensar por suas repetições todas as catástrofes que vão da aparição da vida ao nascimento do sujeito. A mulher seria detentora desse meio aquático, que é o símbolo do oceano perdido, assim como do meio líquido da vida intrauterina. É, ao mesmo tempo, o mar de outrora

e a mãe que tem no ventre a criança que deve passar pelo trauma do nascimento. Uma mãe thalássica, um nirvana perdido que traz o mar dentro de si. Ferenczi diz que, durante o coito, o homem regride até tornar-se um feto no ventre da mãe, encontrando ali o meio líquido que o engolfa. Imerge de novo no meio aquático, no oceano anterior ao advento dos continentes. Na teoria ferencziana da genitalidade, a umidade da mulher durante o coito é símbolo, para o homem, do útero materno perdido, e este, por sua vez, é símbolo do mar anterior à emergência dos continentes, e não o contrário. Não é o mar – Thalassa – que simboliza a mãe ou a mulher, e sim a mãe que é porta-voz ou portadora do mar de outrora ou, se quisermos, da plenitude perdida. A repetição nesse caso obedece ao princípio do prazer, já que é uma repetição da busca de uma plenitude que, na verdade, jamais existiu. O que Ferenczi acrescenta de fundamental nesse texto é a exigência de uma negação ou, como ele preferiu chamar, de uma alucinação negativa que produz o gozo e a possibilidade simbólica. Podemos pensar na plenitude oceânica perdida como um significante primeiro, de fato inexistente, mas com referente imaginário do antes da catástrofe da emergência dos continentes. A autora sublinha a genial e inovadora compreensão de símbolo neste texto de Ferenczi. É também em *Thalassa* que Ferenczi propõe a originalidade do conceito de anfimixia. Nessa concepção, são as pulsões parciais que ganham destaque e importância, e cabe à genitalidade “a mera função de maestrina e organizadora”. A pulsão parcial não é primitiva ou inferior à pulsão genital.

A ternura como antídoto à humilhação

Teresa encerra o livro apresentando a humilhação como a forma extrema do comportamento narcísico e a ternura como o único sentimento não narcísico. A linguagem da paixão daquele que

humilha é absoluta, unívoca. Ela abole todas as diferenças e toma o outro como um idêntico, em uma relação narcísica com ele. A linguagem da ternura, por sua vez, é uma linguagem lúdica, em que o inesperado de uma diferença não desperta hostilidade, mas sim encantamento. Ela é da ordem da polissemia e ambiguidade. Ela expande o tempo, como a sublimação. O olhar terno que se encanta com o outro e com a natureza é um antídoto, um sopro de esperança em um universo que se tornou tão violento e que vislumbra uma sexta catástrofe, a do Antropoceno, a ação destruidora do planeta pelo próprio homem.

A leitura deste livro é uma abertura transformadora!

Apresentação

A ideia de reunir estes artigos surgiu de uma demanda constante de colegas e alunos que procuravam pelos textos e não os encontravam, seja porque eram muito antigos, seja porque as revistas não existiam mais. Tentei reunir o mais significativo da produção dos últimos trinta e tantos anos. São trabalhos oriundos de reflexões sobre a clínica que me obrigaram a mergulhar na teoria para tentar esclarecer os impasses clínicos encontrados. Sempre que certo tema, conceito ou articulação aparecia em mais de um texto, foram feitos ajustes no original. Alguns destes artigos contaram com a coautoria de colegas que aceitaram enfrentar esses desafios: Julio Verztman, com quem mantive uma parceria de pesquisa no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (Nepecc) por mais de vinte anos; Diane Viana, que não só trabalhou comigo num dos artigos mais relevantes que escrevi, mas também aceitou ler e reler a coletânea, ajudou a escolher os textos e foi uma incentivadora preciosa nesta empreitada; e Karla Patrícia Holanda Martins e Alexandre Jordão, que foram meus orientandos de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A todos eles, o meu muito

obrigada. Agradeço ao Ricardo Duarte pelo trabalho de revisão extremamente cuidadoso. Agradeço ainda, e especialmente, aos pacientes da clínica privada e aos do Nepecc, que são a razão de ser destes estudos.



Neste livro, surge diante do leitor uma analista livre. Profundamente inspirada por Ferenczi, Teresa, entretanto, nos traz introjetado o autor de modo que ele se faz “dela”. Conceitos clássicos da psicanálise – trauma, melancolia, narcisismo, sexualidade, sublimação, idealização, introjeção, histeria – se dobram e ganham um sopro de vida ante a clínica acurada e corajosa da autora, debruçada sobre os mais difíceis desafios, como a do mestre Ferenczi. E eis que vai se assomando naturalmente, no bojo de sua escrita, uma liberdade que, para nosso assombro, amalgama como que magicamente a assepsia dos conceitos com a poesia de significantes surpreendentes, como parnasianismo, escravidão do olhar, humilhação, ternura, perdão. Arte possível para poucos.

– Flávio Ferraz

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2509-6

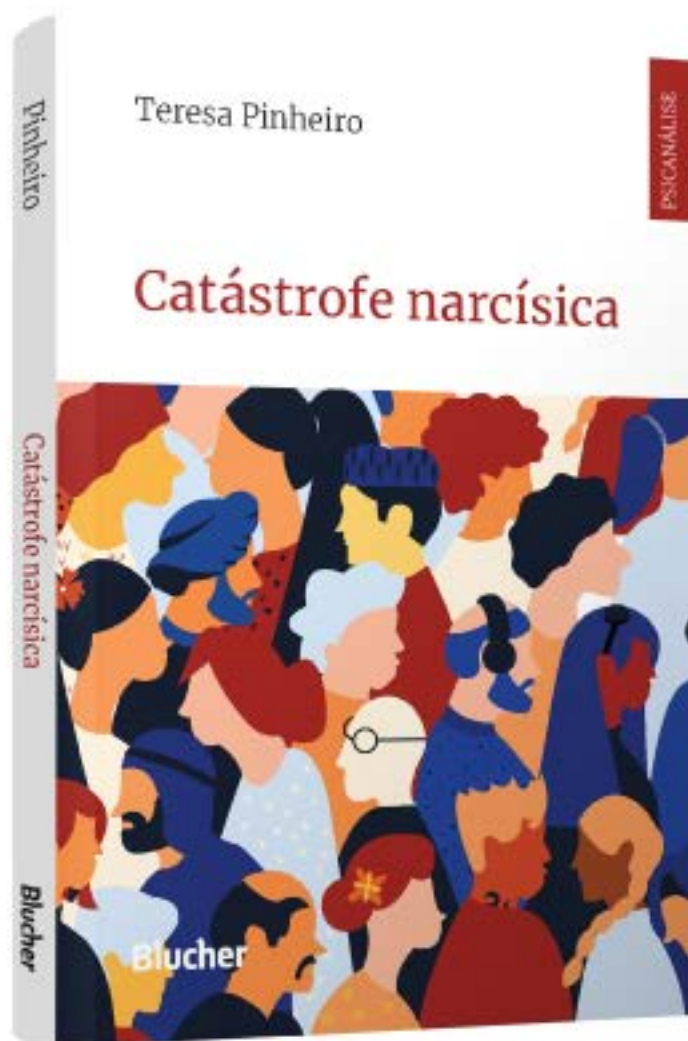


9 788521 225096



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Catástrofe narcísica

Teresa Pinheiro

ISBN: 9788521225096

Páginas: 256

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
